



OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL IMPOSTO PELA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Maria Ana Paula Freire da Silva¹

RESUMO

A Educação Infantil, considerada a primeira etapa da educação básica, constitui-se uma das fases de maior importância para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos de idade, proporcionando a estas o contato mais próximo com pessoas externas ao seu vínculo familiar. Destarte, a sociedade foi abruptamente pega de surpresa e um evento inesperado deixou uma lacuna na vida de todos os habitantes do planeta e dentre tantas consequências, marca profundamente a educação escolar. De tantas histórias contadas em livros ou passadas de geração a geração através da oralidade, um parêntese será efetivamente aberto às inúmeras histórias que passarão a ser escritas e contadas sobre a vida durante a pandemia do novo coronavírus. As crianças que tiveram sua entrada na creche ou na pré-escola foram afetadas de forma significativa, também tomadas pela “novidade” que lhes impactou, de uma forma ou de outra, as rotinas. Este trabalho objetiva discutir teoricamente sobre os desafios enfrentados pelas crianças da Educação Infantil durante o distanciamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus. Para este propósito, serão feitas referências a alguns estudos da sociologia da infância, buscando o diálogo com as novas condições enfrentadas pelas crianças em idade escolar durante o distanciamento social no cenário pandêmico. Considerando as crianças como sujeitos de direitos, que influenciam a sociedade ao mesmo tempo que é por ela influenciada, refletiremos acerca das consequências diretas e indiretas do evento da Covid-19 nas crianças dessa faixa etária, considerando a importância da educação escolar e do convívio com os pares através da brincadeira, da participação, da expressão corporal e outros direitos primordiais da aprendizagem e do desenvolvimento desses sujeitos.

Palavras-chave: Educação infantil; Crianças em idade escolar; Pandemia do novo coronavírus; Sociologia da Infância.

INTRODUÇÃO

O mundo está literalmente de cabeça para baixo. Esta é uma frase que não passará despercebida no novo contexto vivenciado por todas as pessoas no mundo inteiro marcadas pelo advento da pandemia do novo coronavírus, iniciado no ano de 2020. A pandemia atingiu em escalas local e global pessoas de todas as faixas etárias através do contágio direto do vírus ou de forma indireta, pelos danos socioemocionais e econômicos que provocou. As

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação de Mestrado em Educação Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco – PPGEI-UFRPE/FUNDAJ, m.anapfreire@hotmail.com.

consequências produzidas no mundo dos adultos foram e estão sendo danosas, entretanto, é para a vida das crianças em idade escolar que lançaremos um olhar à luz da Sociologia da infância. Kohan (2020, p.4), nos traz uma reflexão preocupante para o cenário da pandemia, considerando a perversidade forjada para minimizar a importância da escola enquanto instituição indispensável para o desenvolvimento das crianças, “Com efeito, para os discursos mais conservadores e regressivos, a pandemia poderia ser uma oportunidade propícia para distanciar de vez a educação”, o que torna evidente os objetivos nefastos de uma necropolítica, ampliando consideravelmente as consequências indesejáveis do atual cenário e deixando uma pergunta no ar: crianças pequenas precisam ir à escola?

Diante dessas considerações, acrescentamos a esse panorama outras consequências da pandemia na vida das crianças em idade escolar. Não se trata apenas de ter que ficar em casa com a família por um período de tempo e longe da escola, mas, sobretudo, importa o distanciamento em relação às outras crianças, as situações às quais elas estão submetidas em suas casas e se as condições emocionais e socioeconômicas das famílias são adequadas para manter os cuidados necessários a esses seres em pleno desenvolvimento.

Com a inesperada pandemia da doença conhecida como covid-19 nunca mais seremos os mesmos, as mesmas. Se para toda a sociedade, de uma forma ou de outra os alicerces de uma ruptura de estilos de vida estava se desenhando, para a educação formal, especificamente aqui para a educação infantil, esse cenário não passaria ileso. Este é um capítulo à parte na história da educação escolar, um parêntese duradouro que vem atribuindo uma considerável marca aos corpos e mentes dos adultos, dos jovens e das crianças. O objetivo deste artigo, é discutir teoricamente sobre os desafios enfrentados pelas crianças da Educação Infantil durante o distanciamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus. Para este propósito, serão feitas referências a alguns estudos da sociologia da infância, buscando o diálogo com as novas condições enfrentadas pelas crianças em idade escolar durante o distanciamento social no cenário pandêmico. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, considerando que “o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes” Minayo (2019, p.20). A abordagem teórico-empírica está também respaldada nas observações realizadas enquanto profissional da educação básica.

As reflexões envolvendo este tema é de maior relevância para a sociedade, considerando a necessidade de reconhecimento das escolas como instituições fundamentais para o

desenvolvimento de crianças e jovens e a tentativa de encontrar caminhos seguros e respeitosos dentre tantos labirintos envolvendo esses sujeitos de direitos.

De acordo com estudos de Qvortrup (2010), as infâncias são construídas histórica e socialmente e por essa razão, tão importante compreender as infâncias estrutural e culturalmente. Nesse sentido, Corsaro (2011) argumenta que as crianças já iniciam suas rotinas culturais em casa com a família e que continuam esse processo fora do convívio externo, daí a importância dessa entrada e permanência na escola e em outros ambientes externos ao convívio familiar. A família e a escola não estão isentas das influências e forças econômicas, demográficas ou políticas que permeiam o contexto histórico de uma sociedade, dessa forma, compreende-se que todos os acontecimentos influenciarão a vida das crianças, que participam ativamente de todas as situações nas quais estão direta ou indiretamente envolvidas, destarte, não seria substancialmente autêntica a análise de apenas um fenômeno “como se fosse possível ser humano sem pertencer a uma complexa rede de interdependências” Prout (2010, p.737). Para pensarmos sobre os desafios vividos pelas crianças em idade escolar no contexto de uma pandemia, precisamos de um pensamento mais sistêmico, levando em consideração todas as variáveis. O distanciamento social vivenciado pelas crianças continuará produzindo efeitos que podem ser duradouros ou passageiros e será preciso atenção por parte da sociedade em relação às demandas oriundas da crise, considerando as crianças como sujeitos ativos e de direitos, mas ainda assim, dependentes do apoio e cuidados por parte da família e da sociedade.

A partir da década de 1990, as pesquisas em sociologia da infância ascendem com intensidade. É possível compreender que há pelo menos duas premissas fundamentais que desencadeiam os estudos sociológicos da infância: a primeira diz respeito à criança como sujeito portadora de direitos, deste modo tem agência, e a segunda diz respeito à infância como construção social histórica e não universal; terceiro – as crianças são atores sociais e deste modo, elas atuam na dinâmica social, transformando a história e a cultura, o que implica dizer que a criança atua positivamente e ativamente nos processos de socialização e são, acima disto, produtores de cultura. Por fim, as crianças são unidade de observação, isto é, são categorias sociológicas. (ABRAMOWICZ e MORUZZI, 2016, p.29-30).

Nesse sentido, o novo cenário precisa ser constituído enquanto realidade vivida, e as crianças fazem parte dele, rompendo com a velha e ultrapassada concepção de ver na criança um ser incompleto, incapaz de produzir cultura, sempre à espera da completude na vida adulta, um ser incapaz de ter suas próprias opiniões acerca de suas vivências. A Sociologia da infância apresenta novas abordagens, observando as crianças como atores sociais e históricos, tocadas pelo que acontece ao seu redor e capazes de interferir significativamente nos acontecimentos cotidianos. “a criança deve ser compreendida pela sociedade como sendo um ator social, que

tem voz para falar e ser ouvida ressalte-se, por quem assim a percebe, que possui ação própria capaz de mudar a usualidade dos atos que se esperam dela” Barbosa e Simões (2021, p.398). Esses atores e atrizes sociais, reúnem capacidade de fazer parte dos acontecimentos e comunicarem suas opiniões sobre seus reais sentimentos e necessidades. Corsaro (2011, p.43), diz que “Elas afetam e são afetadas por grandes eventos e transformações sociais” e com o episódio de uma pandemia não seria diferente, pois é sobre suas vidas que estamos falando, é sobre o que se passa nos corpos e mentes dessas crianças que tiveram suas rotinas impactadas por uma pandemia, que teremos que falar. Deixá-las de fora desse arranjo seria irresponsavelmente cruel, sabendo-se hoje da capacidade ativa desses sujeitos enquanto produtoras de cultura no meio onde estão inseridas.

As medidas de distanciamento social vivenciadas pelas crianças no período crítico da pandemia da Covid-19, são caracterizadas como um regime de confinamento dentro da própria casa, onde os relacionamentos ficaram restritos quase que exclusivamente ao núcleo familiar mais próximo. As crianças ficaram distantes dos pais, dos avós e de outros adultos a quem antes mantinham contatos próximos, como os(as) professores(as) e este fato deverá ser levado em consideração para uma análise mais aprofundada do período crítico de distanciamento, sendo importante considerar que elas são capazes de compreender o fato de o isolamento ter sido uma condição necessária para salvar vidas, e para isso, precisam ser reconhecidas hoje enquanto seres do presente, não quando se tornarem adultas e “capazes” de compreensão.

Portanto, não existe mais simplesmente uma transmissão vista como uma inculcação de valores e de normas de uma geração a outra, mas passa-se a considerar a criança como um ator, isto é, como um “ser no presente”, o que supõe trocas entre gerações. Não estamos mais num esquema vertical descendente, não existe um ir-e-vir, uma reversibilidade do processo. Ofício de criança e ofício de pais se constroem em paralelo. (SIROTA, 2007, p.44).

Como seres do presente e produtoras de cultura, faz-se necessário que sejam incluídas nos assuntos que lhes dizem respeito, não apenas como espectadoras passivas e alheias à realidade, mas como sujeitos de direitos e participantes ativas da sociedade.

NOVOS COTIDIANOS E DIFERENTES ARRANJOS

Tomando como referência os desafios enfrentados pelas crianças da Educação Infantil no contexto da pandemia do novo Coronavírus, faz-se necessária uma abordagem criteriosa e responsável acerca dos fatos, por mais que a observação empírica possa oferecer elementos de



“comprovação”. Foram realizadas algumas pesquisas bibliográficas, tendo a Sociologia da infância como elemento chave para compreensão da importância que as crianças assumem socialmente, independente das suas idades cronológicas.

Diante das considerações aqui descritas inicialmente, buscamos no Art. 70 do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasil (2021, p.49), que “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”, sendo assim, a obrigatoriedade legal de assistência por parte da sociedade e do Estado para oferecer amparo e condições para o bem estar das crianças e adolescentes é uma garantia assegurada por lei. Destarte, sabe-se que as leis nem sempre são respeitadas ou realmente cumpridas na prática, por essa razão, salientamos a necessidade da atenção à proteção dessas crianças, que devem ter prioridade básica na segurança dos seus direitos, principalmente em situação de pandemia, uma crise sem precedentes na história recente da humanidade.

O distanciamento social imposto no início do ciclo pandêmico não deixou a escola de fora e o que isso representou, representa ou representará nas mentes e corpos das crianças ainda será motivo de muitas pesquisas e discussões. Enquanto categoria permanente, as infâncias são impactadas pelas condições e fatores que influenciam as suas vidas e continuarão influenciando em maior ou menor grau no decorrer do seu desenvolvimento. Qvortrup (2010, p.635) argumenta que “Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica”, sendo parte da estrutura social e merecendo reconhecimento sobre as relações estabelecidas pelas crianças e seus pares e da relação destas com a sociedade. É natural que nos períodos de crise a sociedade abra janelas de possibilidades para conviver com as consequências de um contexto inesperado, a resiliência faz parte do ser humano “reafirma o humano como aquele capaz de superar adversidades e situações potencialmente traumáticas” Junqueira e Deslandes (2003, p.233), mas também implica em cuidados que deverão ser tomados por parte da sociedade e do poder público no sentido de unir esforços para reduzir consequências mais sérias para essas crianças. Corsaro (2011, p.41), também aponta para as crianças como sujeitos ativos, que “afetam e são afetadas pela sociedade”, se adaptam às diversas situações as quais são expostas, entretanto, é preciso muito cuidado e atenção para não se pensar que são capazes de sozinhas, ultrapassar momentos tumultuados. Esse deve ser um esforço coletivo, de toda a sociedade. As crianças não podem ser negligenciadas, pois permaneceram o tempo todo ativas nas suas condições de partícipes da sociedade. Destarte, para um evento abrupto de uma pandemia, novos arranjos deverão ser feitos, pensando sempre em ações que possam minimizar as consequências danosas as quais

foram submetidos todos os habitantes do planeta, dentre estes, e de modo muito particular, as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes, as crianças são deixadas “isentas” das discussões que as envolvem diretamente, pois a base do diálogo referente às suas vidas está quase sempre representada pelo mundo dos adultos, como exclusividade destes. Faz todo sentido ampliar o diálogo acerca do que foi e está sendo vivenciado por elas, trazendo suas próprias falas para o debate, para uma discussão mais abrangente e menos conservadora, mesmo porque, os arranjos tecnológicos e pedagógicos pensados para minimizar os impactos provocados pela pandemia da Covid-19, dentre estes, o uso de computadores e celulares nas aulas remotas, não chegaram para todos e todas e contavam com a permanente e efetiva contribuição da família para que as crianças tivessem “a aula” na prática, entretanto, muitas sequer tiveram acesso a vivências remotas adaptadas para suas faixas etárias.

Olhar somente os impactos provocados no biológico é insuficiente para uma conjuntura que se mostra mais ampla. Observando o que diz Prout, (2010, p.737), o desenvolvimento é construído na cultura e “Tanto crianças como adultos deveriam ser vistos através de uma multiplicidade de devires, nos quais todos são incompletos e dependentes” nessa perspectiva, a nova Sociologia da infância rompe com a lógica dicotômica, abre espaço para o pensamento interdisciplinar, para dessa forma se aproximar dos fenômenos e articular variedades de forças que os tocam no universo social. Certamente uma compreensão mais sistêmica acerca do que foi vivido pelas crianças nesse contexto, sem se fixar em um ponto ou outro mais importante, mas, analisando os diversos efeitos da pandemia sobre o biológico, o cognitivo, o social, o econômico, o político e todas as interfaces que compõem o cenário que envolve essas infâncias, pode ser um caminho possível para encontrar respostas.

De acordo com Sarmiento e Tomás (2020), a infância existe enquanto categoria universal e permanente, desse modo, considera-se as consequências de uma crise imposta pelo distanciamento social, uma condição que poderá afetar as crianças e também seu futuro enquanto adolescentes e adultos. A sociedade precisa estar atenta às demandas oriundas dos acontecimentos a partir do ano de 2020, com o advento da pandemia do novo Coronavírus e fazer um estudo criterioso sobre os impactos desses cotidianos atravessados pela nova condição,

pois nesse período as crianças em idade escolar foram praticamente confinadas dentro de suas casas e impossibilitadas de conviver com seus pares, gerando condições de estresse, ansiedade, angústia, medo e outros efeitos danosos. Todavia, não se pode esquecer que também estimularam maior convívio entre pessoas de um mesmo núcleo familiar, estreitando laços entre pais e filhos.

Através dos avanços nos estudos da Sociologia da infância, fica mais evidente que as crianças, como atores e atrizes sociais, possuidoras e produtoras de cultura, não ficaram inertes neste contexto desafiador. Elas produziram cultura nos espaços familiares e foram participantes ativas de uma nova situação, mesmo que tenha sido abrupta, desgastante e dolorosa para muitas. Corsaro (2011, p.127), trazendo em seus estudos a criança como agente ativo na interação social e promotora de cultura de pares, “que são produzidas e compartilhadas principalmente por meio da interação presencial”, corrobora o quão importante é para a criança a interação social de forma presencial. Podemos nos perguntar: a interação através das aulas remotas pode se equiparar à presencial em algum nível? As brincadeiras vivenciadas dentro de casa com a família cumprem o mesmo papel das brincadeiras das crianças com seus pares?

Não obstante a faixa etária que as classifica como crianças, existe a necessidade de trazermos aqui a vulnerabilidade econômica e social que aponta a fragilidade inerente às situações de vida dessas crianças em família. Corsaro (2011, p. 278) em seus estudos, diz que “De todos os fatores que contribuem com os problemas sociais das crianças, a pobreza é o mais penetrante e maléfico”. Não nos enganemos diante do fato de considerar as crianças alheias às dinâmicas sociais, pois meninos e meninas são partícipes, influenciando e sendo influenciados pelos novos eventos sociais e da mesma forma, expostos e expostas às suas consequências, sejam estas positivas ou negativas. Para muitas famílias, um computador ou notebook ainda é um artigo almejado, para outras, o acesso à internet é raro e limitado, insuficiente para uma família com mais de duas crianças em idade escolar e que demandam conexão diária e simultânea. Os equipamentos tecnológicos passaram a ser “necessidade básica” para as novas demandas surgidas com o distanciamento social. Quem realmente estava preparado(a)? As aulas remotas foram solução ou mais um obstáculo para as crianças e suas famílias?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os desafios para o enfrentamento dos obstáculos impostos pela fase do distanciamento social e outras consequências não menos traumáticas oriundas da pandemia do



novo Coronavírus. Será que o tempo dessas crianças confinadas em casas e apartamentos durante o distanciamento social imposto pela pandemia, também as impossibilitou de produzir cultura de pares? Muitas perguntas precisam ser feitas. Corsaro (2011, p.128), diz que “É por meio da produção e participação coletivas nas rotinas que as crianças tornam-se membros tanto de suas culturas de pares quanto do mundo adulto onde estão situadas”. Resta-nos saber em que medida as crianças são tocadas por essas alterações bruscas e inesperadas.

Muitas histórias serão contadas e estudos serão realizados a respeito dos efeitos da pandemia na vida das crianças da Educação Infantil e, certamente, muitas contribuições surgirão para minimizar os efeitos negativos dessa experiência sobre suas vidas. Uma coisa é certa, é preciso que se discuta a participação efetiva dessas crianças no que diz respeito às suas próprias histórias. Quantas crianças, meninos e meninas, terão suas vozes realmente ouvidas em relação às suas opiniões e necessidades? Ou serão os adultos que continuarão a falar por eles e elas? Esses(as) atores e atrizes são sujeitos de direitos, não “uma “tábula rasa” sobre a qual a sociedade imprimia seus valores sociais” Abramowicz e Moruzzi (2016, p.28), as crianças, independente da faixa etária, precisam ser visibilizadas e ouvidas.

Como incompletos e inacabados, somos postos diante do improvável, do acaso, da imaginação criativa, para revolucionariamente ampliarmos possibilidades. O que está posto é uma realidade apenas, das tantas que poderemos vivenciar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. **Infância na contemporaneidade:** questões para os estudos sociológicos da infância (Childhood in the contemporary world: questions for the sociological studies of childhood). *Crítica Educativa*, v. 2, n. 2, p. 25-37, 2016. Disponível em: <<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/94/220>> Acesso em: 05.10.2021.

BARBOSA, Douglas Vasconcelos; SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa. **Meninos e meninas em situação de rua:** percepção de espaços urbanos por eles ocupados. *Revista Humanidades e Inovação* v.8, n.32 (2021): Infância, Artes e Patrimônios Educativos I. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4926>> Acesso em 08.12.2021.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente.** – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca_digital_Defeso_V2.pdf> Acesso em: 08.12.2021.



CORSARO, William, A. **Sociologia da infância** [recurso eletrônico] ; William A. Corsaro / tradução: Lia Gabriele Regius Reis; Revisão técnica: Maria Letícia B.P. Nascimento. Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 2011.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. **Resiliência e maus-tratos à criança**. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csp/v19n1/14923.pdf>> Acesso em: 08.12.2021.

KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa (Brasil), v. 15, p. e2016212, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/894/89462860071/89462860071.pdf>> Acesso em: 01.12.2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos). 2ª reimpressão, 2019.

PROUT, Alan. **Reconsiderando a nova sociologia da infância**. Cadernos de pesquisa, v. 40, p. 729-750, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/86463c9grYmgkL6NNV4wxD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01.10.2021.

QVORTRUP, Jens. Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e pesquisa**, v. 36, p. 631-644, 2010.. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQVv9wZS3Pf/>> Acesso em: 12.10.2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. **A infância é um direito?** Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 15-30, 2020. Disponível em:<<http://193.137.34.195/index.php/Sociologia/article/view/10133>> Acesso em: 20.10.2021.

SIROTA, Régine. **A indeterminação das fronteiras da idade**. Perspectiva, v. 25, n. 1, p. 41-56, 2007. Disponível em: <https://www.deolhonosplanos.org.br/wp-content/uploads/2015/01/SIROTA-Re%CC%81gine.-A-indeterminac%CC%A7a%CC%83o-das-fronteiras-da-idade.-Perspectiva-Floriano%CC%81polis-v.-25-n.-1-41-56-jan.jun_-2007.pdf>. Acesso em: 01.12.2021.